



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA
SEMANARIO GRAFICO DE ACTUALIDADES
ANO II — N.º 80 — LISBOA, 26 DE NOVEMBRO 1942
PREÇO AVULSO: 1 ESCUDO

O Professor Dr. Armando de Marques Guedes — um dos grandes valores nacionais — proferindo a «Oração da Sapiência», na abertura das aulas da Universidade Técnica, acto solene a que presidiu o sr. Presidente da República

CALCADA DA GLÓRIA

A MANEIRA... DE JÚLIO DANTAS

ESTAMOS em fins de Novembro. O inverno já se adivinha numa vaga névoa de ouro. As manhãs acordam mais tarde. Os pontos adormecem mais cedo. Como todos os tímidos, os homens tremem de frio. As mulheres vestem-se de peles — como todas as feras. Chegaram as violetas. Pequenas pálpebras de setim róxo onde dir-se-ia palpitar a asa imaterial dum perfume, começou a surgir por toda a parte, nos toucadores e nas mesas de trabalho, nos «potiches» japoneses e nas peles de lontra das nossas «professional beauties» como flores ao mesmo tempo de saúde e de volúpia, — abrindo, sonhando, cantando, tremendo. Mas, como se na sua alma palpitasse a nossa própria alma, como se no seu coração estremece-se o nosso próprio coração, é, sobretudo, minha querida amiga, junto de ti, dos teus olhos, da tua boca, das tuas mãos, do teu colo, da tua pele doirada e quente de portuguesa, que a violeta, expressão de candura, de delicadeza, de timidez, adquire, não apenas o seu eterno instante de beleza, mas a sua efêmera eternidade de glória. Porque fica menos róxa? Não. Porque junto dela a mulher fica mais branca...

ROCHA MARTINS

SABEMOS que este ilustre historiador está actualizando um dos seus romances sob o título de *O bichinho de contas*.

DAR MANTEIGA

VIMOS, há dias, na *Império*, diante dum bule de chá e dum prato de torradas, o sr. dr. Júlio Dantas. Não podemos deixar de notar a doirada opulência com que o ilustre académico amantiegava as torradas.

DENTES

TIROU dois dentes o caricaturista Zeco, colaborador desta página. Também para que os queria ele — se há tão pouco que trincar!

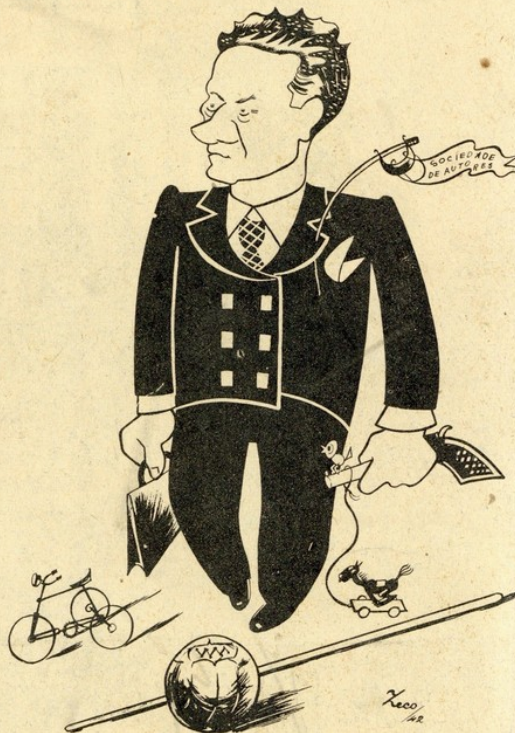
DUELO

EM virtude das afirmações produzidas em público acerca do *Mundo em Marcha* pelo jornalista Armando Ferreira, vai realizar-se um duelo entre este senhor e o senhor Ricardo Covões. Local do encontro: o *Coliseu*. Está aberta a marcação de bilhetes.

A TOMBOLA

A livraria *Portugália* vai publicar um volume de Américo Durão intitulado *Tombola*. Não nos custa acreditar que seja o prémio ao próprio autor — que na literatura nunca andou... aos tombolos, como diz o poeta Silva Bastos.

FELIZ... BERMUDES



Reüniram-se uma vez alguns matemáticos e astrólogos para calcular a idade de Felix Bermudes. Depois de vasto labor mental chegaram à conclusão de que o venerável Presidente da Sociedade de Autores devia ter — 23 anos. Na verdade, quem o vir, leve, fresco, primaveril, saltitante, não poderá deixar de reconhecer que Bermudes, não obstante ter vindo ao mundo em 18... pouco mais terá do que duas dezenas de anos. O segredo desta resplandecente mocidade reside, primeiro, na etérea juventude do seu coração, e, segundo, na articulada «strutura» do seu físico. Toda a sua vida, cultivou a bondade — e o desporto. Nos intervalos da sua nobre e fecunda actividade teatral, depois dos seus amigos, era a ginástica, em todos os seus aspectos, que mais lhe prendia a atenção. Campeão do ciclismo, do atletismo, do hipismo, do boxismo, do pedestrianismo, do ergimismo, ainda hoje é vê-lo, todas as manhãs, ir ao Porto a pé, voltar de bicicleta até Coimbra, vir de Coimbra a Santarém a cavalo, em Santarém pôr «know-out» o ribatejano mais pintado, e daí meter Tejo abaixo nadando e assobiando como uma sereia. Às duas está pontualmente na Sociedade dos Autores, depois de ter tomado três litros de café, — e no seu gabinete, até às sete, ele tudo vê, tudo resolve, tudo concilia, dando um sorriso a um, um conselho a outro — um rebuçado a todos. Não é apenas um homem de teatro: é um homem do mundo. Não é apenas um excelente comediógrafo: é uma excelente pessoa. E porque tudo se juntou para o envolver numa auréola de ouro só não percebemos porque ele, em vez de Felix Bermudes se não chama Feliz... Bermudes!

REGRESSO

REGRESSOU de Cascais ao seu chalet de Lisboa o guarda-chuva do sr. dr. José Ribeiro dos Santos. Cumprimentamos Sua Insolência.

ERICO BRAGA

FÉZ, há dias, 24 anos o nosso velho amigo Erico Braga. Que linda idade para quem tem o dôbro!

NÃO PERCEBEMOS

PORQUE é que não havendo carvão de sobra, dizem para aí, carvão... de sóbro!

ALVES DA CUNHA-
ALVES DA COSTA

UM conflito sustado à volta da peça *Minha mulher é um homem* pôs frente a frente os actores Alves da Cunha e Alves da Costa. Ao que nos dizem, fizeram as pazes. Bem dizíamos nós que a guerra acabava este ano!

PUNHOS DE RENDA

HÁ dias entrou na redacção da «República» uma das nossas mais ilustres escritoras, que trazia uns punhos de renda. O jornalista Alfredo Marques notou o facto:

— Ena, ena, de punhos de renda!

Logo ela:

— É que fui deitar uma carta no correio para o dr. Júlio Dantas...

AS PERNAS EM CHICAGO

AS mulheres de Chicago foram oficialmente avisadas de que não é permitido, daqui em diante, sentar-se às mesas dos «restaurantes» e dos «cafés» exibindo as pernas, quer usem meias, quer não. Esta medida tende naturalmente a coibir excessos de apresentação. Têm, pois, as mulheres de Chicago de esconder as pernas debaixo das mesas. Duma coisa se esqueceu o «mayor» de Chicago: é que houve uma época em que o namôro se fazia debaixo das mesas precisamente com as pernas. Não voltará a moda? E depois?

PORCO HUMANO

NA herdade de Gião, perto de Évora, uma venerável marrã permitiu-se dar à publicidade cinco bacorinhos, um dos quais, segundo relatam espantosamente as gazetas apavoradas, nasceu com o focinho apresentando a configuração dum rosto humano. Ora a verdade é esta: se há tanta gente, por esse mundo, com ar de porco, que admira que nasça um porco com cara de gente?

A PELIÇA DE AUGUSTO DE CASTRO

CONTAMOS sob todas as reservas este episódio singular.

O dr. Augusto de Castro teve, há tempos, de intervir em certa formalidade para que lhe exigiram o cartão de identidade.

— Não o trouxe... — murmurou ele.

— Mas...

— Eu explico... É que a fotografia foi tirada em Janeiro, de peliça, e com este calor não se pode trazer peliça — nem mesmo em fotografia...

UMA PÁGINA DE LUIS DE OLIVEIRA GUIMARÃES

Entre nós

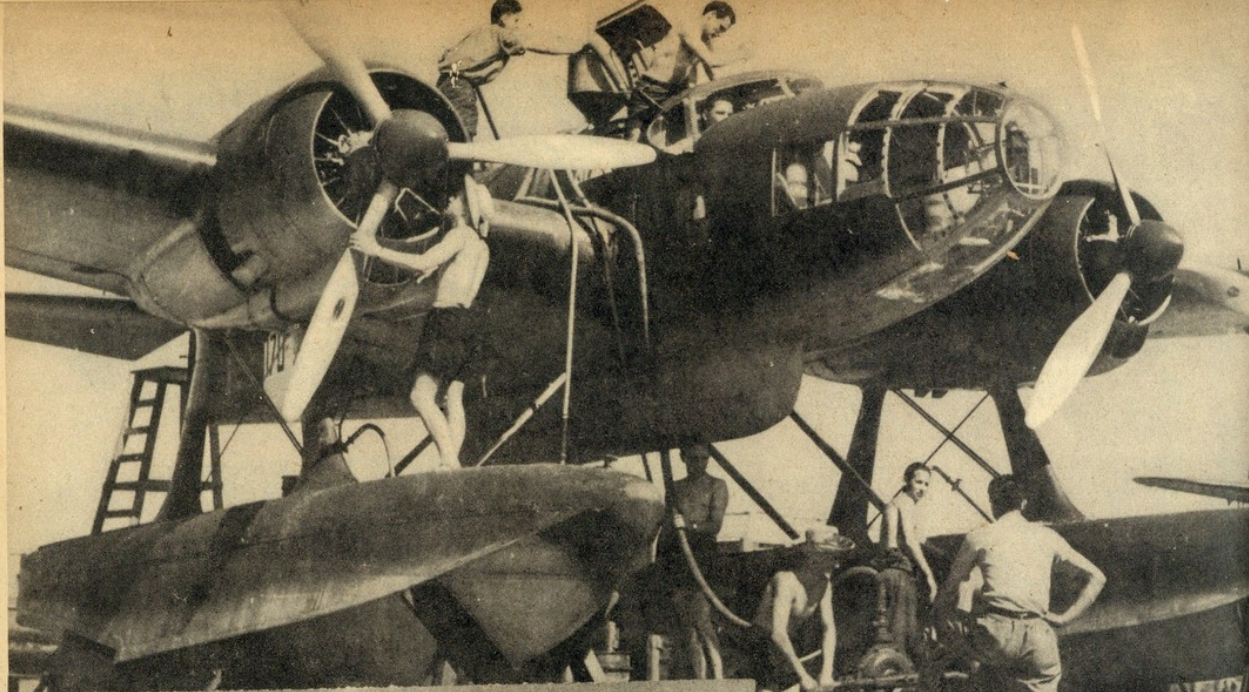


EM CIMA: O sr. dr. Manuel Monteiro, antigo juiz do Tribunal Internacional do Cairo, proferindo, no Museu Soares dos Reis, do Pôrto, uma conferência acerca do falecido arqueólogo Rocha Peixoto. — À DIREITA, EM CIMA: Para comemorar o 6.º aniversário da morte de José António Primo de Rivera, houve uma sessão na Casa de Espanha, onde o secretário da legação da Falange leu o testamento daquele chefe da revolução espanhola. — À DIREITA: Numa das salas do hospital do Destêrro, foi prestada homenagem oficial aos srs. António Lúcio dos Santos — quarenta anos de vida hospitalar, sendo trinta como fiscal nos hospitais do Régo, de Arroios e do Destêrro, onde está há catorze anos — e dr. Mário Carmona, actualmente director de serviço clínico do hospital de D. Estefânia.



À ESQUERDA: O jornalista Leopoldo Nunes pronunciando a sua conferência, na Sociedade de Geografia, intitulada «Mutualismo e corporativismo». — EM BAIXO: Aspecto do almoço comemorativo da 50.ª representação, no Coliseu dos Recreios, da fantasia «O Mundo em Marcha».





A ITALIA

patrulha
os seus Mares!

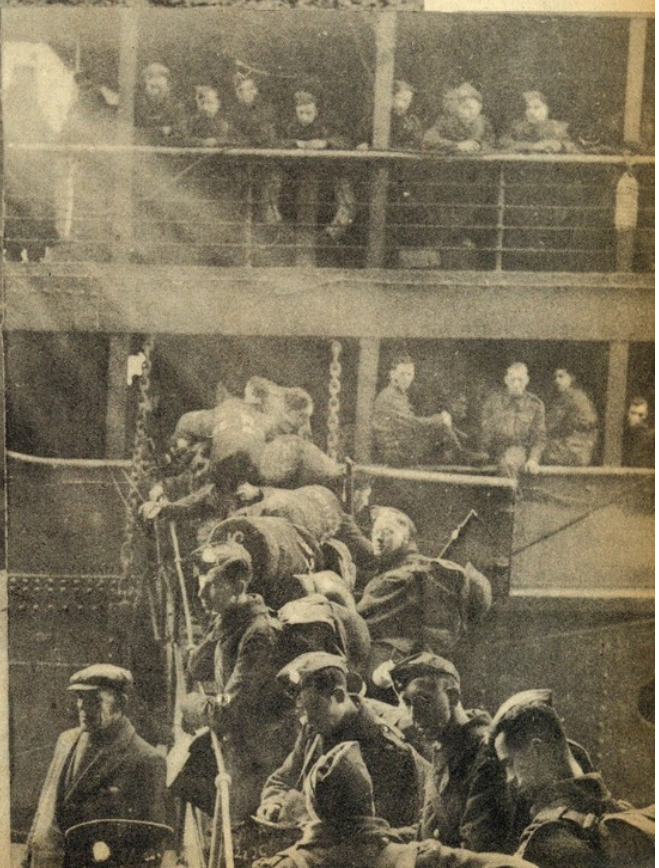


Os pilotos duma formação aérea italiana aguardam, sorridentes, a ordem de partida para uma missão de guerra, depois de terem carregado de gasolina, de ter verificado os motores aos aparelhos — como se vê em cima. A largada fêz-se e momentos depois, escoltam, serenamente, um comboio no Mediterrâneo.

Proseque a BATALHA do DESERTO



Foi de El Alamein que partiu a ofensiva britânica através do deserto egípcio. Foi pela areia — areia sem fim, que os carros blindados dos aliados conseguiram ir vencendo, pouco a pouco, o inimigo. De todos os pontos da Grã-Bretanha saíram «combótes» de barcos carregados de material e de soldados. Nas gravuras de baixo, vê-se um embarque, para bordo dum grande transporte, e observa-se o trabalho que é necessário para equipar um sargento de infantaria inglesa.





12 toneladas de açúcar para os prisioneiros ingleses

TINHAM-ME dito que Mrs. Campbell se encontraria no Estoril às 11,30 para falar comigo ligeiramente. Supus que encontrar Mrs. Campbell no Estoril—demais a mais com a indicação

de que ficava perto da Mar e Sol—seria tão fácil como chegar ali à Baixa e encontrar a tableta do médico ou advogado mais em moda. Perto da Mar e Sol, porém, ninguém sabia qual era a casa de Mrs. Campbell, e uma senhora amável, que ainda tem a sorte de arranjar carro para ir à missa, ofereceu-se para me levar no seu automóvel: um carro pequenino, onde ela mal acomodava as pernas altas do chapéu, e que me foi pôr no meio da rua—«que é ali, na vivenda «Delícia», a casa de Mrs. Campbell...»

—É, não. Foi—diz o jardineiro. Mrs. Campbell mudou ontem lá para cima, para ao pé da pensão Mar e Sol...

Senti-me desfalecer—mas lá subi de novo a encosta, desta vez com o guia seguro que era o ex-jardineiro de Mrs. Campbell... Pelo caminho éle vai lendo as suas bisbilhotices: que as casas estão caras, no Estoril, mas que são muito boas. Mrs. Campbell estava muito melhor na casa que deixou mas os ingleses são assim mesmo, que é que se lhes há-de fazer... Disse-me, até, a renda da casa, qualquer coisa que me conviria excelentemente para ordenar mas que não quero aqui dizer, que é para os senhores não saberem quanto ganha uma rabisicadora de entrevistas para jornais...

De resto, isto não é bem uma entrevista. O que me leva junto de Mrs. Campbell já foi dito nos jornais e redizê-lo não vale. O que eu queria, realmente, era colher uma impressão pessoal da directora da «Secção dos Prisioneiros de Guerra Ingleses», que funciona junto da Cruz Vermelha Portuguesa...

Mas também não lhes vou dizer que Mrs. Campbell é levemente alorçada, que fala espanhol, com embaraços de português, que é alta e fina como o devia ser a Jenny de «Uma família inglesa» e que, como aquela, é perseverante, forte de idéias e de acções, sem deixar de ser extremamente simpática, bonita e feminina. Isto são bagatelas que não merecem refe-

rência. Melhor é a essência espiritual que rescende das suas palavras:

—Meu marido, o capitão Campbell—e aproveito para lhe dizer que não é parente de «sir» Ronald Campbell, illustre embaixador em Portugal—foi preso em combate. Eu estava em França, quando começou o êxodo—aquêlê triste êxodo que nasceu com as oscilações bélicas da nossa boa aliada... Foi lá que meu marido foi capturado e foi aqui que eu encontrei serenidade e bem-estar para hora tão difícil...

—E dedicou-se, então...
—Pode dizer-se que, como tódas as senhoras inglesas residentes em Portugal, procurei, dentro do maior respeito pela tão apreciável neutralidade portuguesa, fazer alguma coisa que, de algum modo, fôsse reflectir-se no bem-estar de meu marido...

Mrs. Campbell mostra-se, então, muito grata aos portugueses:

—Trabalho em paz, num país em paz e para uma obra de paz... No entanto, gosto de lhe dizer que me sensibiliza a compreensão dos portugueses pelos prisioneiros de guerra, em geral, porque, na obra que os portugueses fazem através da Cruz Vermelha, não há distinção de nacionalidades. É lógico, entretanto, que eu, como inglesa, me sensibilizo, principalmente, pelo que se faz pelos ingleses... Estou muito grata e como eu todos aquêles que jogam nesta grande guerra, as vidas dos seus filhos, dos seus irmãos ou maridos...

—Falou-se de um açúcar que vai ser remetido aos prisioneiros britânicos...

—Foi oferecido pela Sena Sugar Estates, de Moçambique. São doze toneladas, vindas em condições de facilidades especiais, negociadas pela Cruz Vermelha com as autoridades britânicas e portuguesas. É, como se diz em linguagem comercial—açúcar em trânsito e

a sua existência ou não existência nada tem com os abastecimentos em Portugal. Vai seguir pelo correio, também dentro de condições especiais, para a Alemanha e outros países em que haja concentrações de ingleses. Cada pacote pesa 500 gramas e é remetido, com centenas de outros, aos chefes de campo de prisioneiros que os distribuem escrupulosamente pelos destinatários.

Há, pois, uma moral de paz e de amor, nos campos de guerra—um desejo de bem-fazer aquêles que nada podem fazer, senão esperar...

Mrs. Campbell diz triste:
—Já lá vão três invernos... Esperemos, ao menos, que êste seja o último... para todos...

—Há quanto tempo funciona a secção inglesa?

—Há dois anos. E nem sonha quantas coisas se têm feito de humaníssimas, ali, a favor de quem espera pelo auxílio de quantos lho podem dar. Há dois anos também que estou em Portugal e há dois anos que venho encontrando no meu caminho os mais simpáticos portugueses—includingo as portuguesas...

—Quantas senhoras trabalham na sua secção?

—Bastantes. Quási tódas inglesas e três portuguesas. Na ensacagem de açúcar, por exemplo, trabalha a senhora viscondessa de Vila Nova de Ourém. E além das trabalhadoras voluntárias, trabalham ali também cêrca de dez assalariados, que eu faço questão de que sejam portugueses. Por simpatia e por dever de reciprocidade. Não é verdade que, para esta secção, a Cruz Vermelha me cedeu o Palácio da Rocha de Conde de Obidos? Já vê... Ali trabalha-se afanosamente: qualquer coisa como talhar, coser, encher e fechar 500 sacos de açúcar por dia, cada um dos quais, como já disse, pesa 500 gramas...

em que a senhora embaixatriz de Inglaterra, Lady Campbell, visitou as instalações onde estão a fazer-se os empacotamentos de açúcar. Diante de uma, Mrs. lança longos e guturais óóó ingleses:

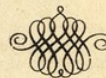
—Senhorita, não! Estou horrível... Dê-me a sua palavra de que não...

Digo-lhe que não, que não publico o retrato de Mrs. Campbell que me diz com uma garridice que eu compreendo porque sou mulher:

—Antes nada, não é verdade? E aí está porque os senhores só vêem aqui, na fotografia ao lado, Mrs. Campbell de perfil, conversando com Lady Campbell.

As restantes senhoras, em ambas as fotos, são: Mrs. Stanley Rawes, Mrs. Marcus Cheke, Mrs. Frank Sellers, Mrs. Robertson, Mrs. Guinness Guevira, Mrs. Oulman. Falta aqui Miss Jean Cobb, secretária particular de Mrs. Campbell, que me diz:

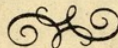
—E também minha secretária lá, na Cruz Vermelha. E é a minha melhor colaboradora, talvez porque ela sofre da mágoa de ter preso, na Alemanha, um seu irmão...



Era tarde e o combóio não espera. Sobre o céu do Estoril adensavam-se nuvens cinzentas, muito menos belas do que o azul dos olhos de Mrs. Campbell, agora tocados de uma transparência fina, para lá da qual se revelava o coração da mulher que sofre e que ama...

Bom, não vamos fazer drama... A vida é o que é. Mrs. Campbell já está a rir-se, outra vez, certa da sua certeza e diz-me apertando a mão efusiva e lealmente, como boa britânica:

—Obrigada! Muito obrigada! Para si e para todos!

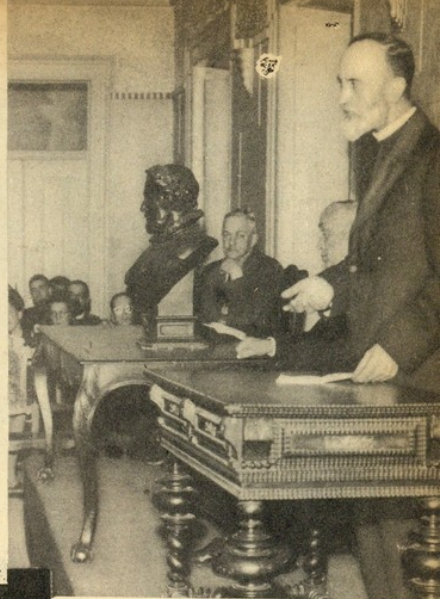


Mostro a Mrs. Campbell uma série de fotografias, feitas no dia

MANUELA DE AZEVEDO



Entre nós



EM CIMA: O Padre Alves Correia proferindo, há dias, no salão do Ateneu Comercial de Lisboa, a sua conferência intitulada «O Evangelho e a Paz».

À ESQUERDA: Com grande solenidade, realizou-se a abertura solene das aulas na Universidade Técnica. Presidiu o Chefe do Estado, que tinha a seu lado os srs. Ministro e Subsecretário da Educação Nacional, subsecretário de Estado da Agricultura, reitores da Universidade Técnica e Clássica, etc. Usou da palavra o prof. dr. Azevedo Neves, reitor daquela Universidade, e leu a «oração de sapiência» o prof. dr. Marques Guedes.



À DIREITA: Para comemorar o 12.º aniversário da eleição do sr. D. Manuel Cerejeira para a Sé Patriarcal, o Cabido promoveu um Pontifical que foi celebrado pelo arcebispo cónego dr. Carneiro de Mesquita, acolitado pelos beneficiados Felipe Cardoso e Campos. À tarde, o sr. Cardinal Patriarca deu recepção ao clero. A cerimónia efectuou-se na Sala do Trono do Paço Patriarcal, onde o sr. D. Manuel Cerejeira se encontrava rodeado dos prelados auxiliares da diocese. Aproveitando o ensejo daquela reunião o ilustre prelado dirigiu aos sacerdotes uma expressiva alocução.

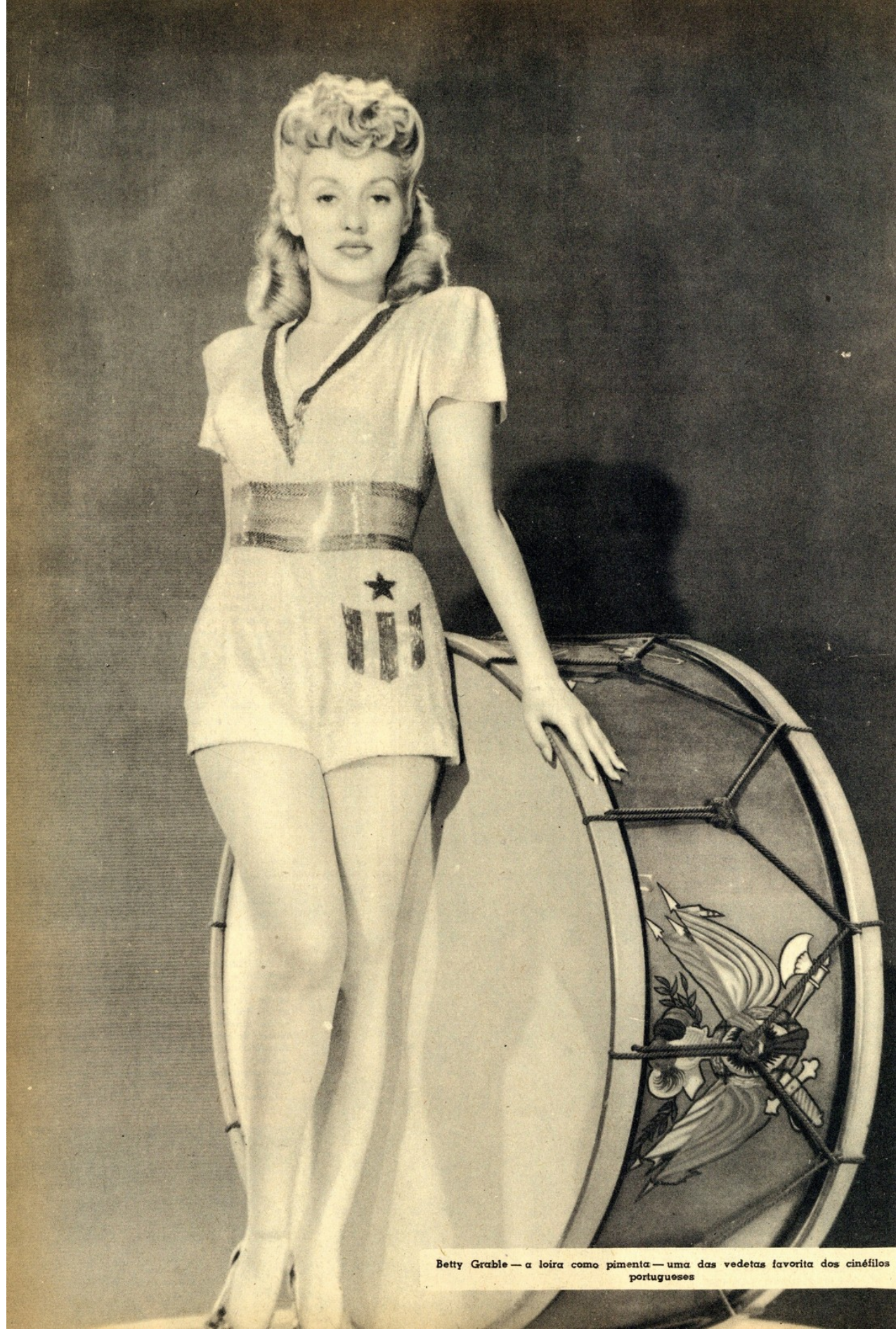


À ESQUERDA: Os representantes da Lavoura Nacional — dirigentes dos Grémios — foram ao gabinete do sr. ministro da Economia manifestar-lhe o seu caloroso apoio à obra que o sr. dr. Rafael Duque tem realizado e o aplauso pelas medidas decretadas pelo Governo em defesa da economia pública e da ordem social. Assistiram, também, numerosos representantes da lavoura de todas as províncias, e delegados dos organismos de coordenação económica. Depois de lida a mensagem, o sr. ministro da Economia proferiu um eloquente discurso.



À DIREITA: O Chefe do Estado presidiu, na Sociedade de Geografia, à sessão dedicada pela Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro à Terra de Miranda, burgo dos mais característicos do País, e na qual se exibiu o grupo folclórico «Os Pauliteiros».





Betty Grable — a loira como pimenta — uma das vedetas favorita dos cinéfilos portugueses

7 dias de Cinema

por Fernando Fragoço

LISBOA, esteve, a semana passada, sob uma vaga de canções. A música correu, em caudais, no São Luiz, no Tivoli, no Odéon e Palácio. Lisboa preocupada e tristonha, pôde desforçar-se, deste modo, da longa ausência dos filmes musicais nas nossas telas, ansiosa por encontrar, de novo, o seu espectáculo cinematográfico favorito. Ficou satisfeita?! Quer quer que não. Em todos os filmes, viu coisas de admirar e de louvar. Mas nenhum deles a deixou naquele estado feliz de beatitude, em que as películas, à base da música, a costumam mergulhar.

Gostou da cor, da vedeta e da fantasia de Jack Oakie na «Canção do Hawaii», mas não se entusiasmou com o argumento, com os bailados ou com a música.

Aplaudiu os irmãos Berry em «Não seja má», reconheceu que as canções eram inspiradas, e que Virginia O'Brien e Connie Russell se afirmaram atracções magníficas — mas não se interessou pela novela sentimental de Ann Sothern e de Robert Young, que se arrasta entre casamentos e divórcios, ao longo de todo o filme.

Saíu do Palácio e do Odéon, a trautear o «Alla en el rancho grande», mas considerou, e com razão, que o México, em matéria de cinematografia, está mais atrazado do que Portugal — mesmo no tempo, em que se fez a «Canção de Lisboa».

É este balanço pessimista deixo-a insatisfeita...

O Cinema Musical — permitam-me a expressão — está em crise. E está em crise, por muitas e variadas razões, que vão desde a ausência de canções de categoria, «que fiquem no ouvido» (crise de inspiração), até à dificuldade de ultrapassar os espectáculos esplendurosos que a tela já nos deu e de que o «Grande Ziegfeld» é um exemplo deslumbrante e sugestivo (crise de imaginação... e de dólares).

Em matéria de opereta, estamos longe dos bons tempos de «Caminho do Paraíso», do «Tenente Sedutor», da «Parada do Amor», do «Congresso que Dança» e da «Viúva Alegre». No capítulo das comédias musicais, recordamos, com saudade, os filmes de Fred Astaire e Ginger Rogers, cujas canções deram a volta ao mundo ritmadas pelos prodigiosos pés do famoso bailarino. No que se refere ao «feéries», como nos parecem enormes, vistas a distância, as revistas do Warner, as «Paradas Maravilhosas» de Eleanor Powell e esse «Grand Ziegfeld», de boa memória!

O cinema musical — está em crise!, não resta dúvida. E, se não fosse a cor, o novo elemento de que lançou mão — estava não em crise!, mas em decadência.

A cor, com efeito, foi a varinha

mágica das histórias de fadas, que deu à tela uma luz nova, um encanto incomparável. Graças à cor, foi possível encontrar efeitos inesperados, valorizar — ia dizer «inovar» — uma fórmula de espectáculo, que parecia incapaz de nos dar qualquer coisa que não fosse uma repetição do já visto.

O claro-escuro cedeu o lugar aos tons garridos. O celuloide foi bordado a matiz... As mulheres ganharam em beleza. Dum dia para o outro, surgiram mais reais, mais tentadoras. Um simples vestido transparente sobe a maravilhosa carnadura (estamos a ver Rita Haworth, na Dana Sol de «Sangue y Arena» bastou para prender as atenções gerais, porque o traje passou a desempenhar uma função, que transcendia a função corrente do guarda-roupa cinematográfico...

A cor pincelada, habilmente, sobre a madeira carunchosa de qualquer historietista banal, tudo esconde, aos nossos olhos, sob a laca brilhante dos tons sugestivos... O espectador vai, de cena para cena, embriagado no espectáculo visual — entontecido e deliciado, no mundo mágico do técnico.

Se o cinema, acima de tudo, é Imagem, devemos acrescentar agora que é Imagem e Cor!

Todas estas considerações nos foram sugeridas pela «Canção do Hawaii». A preto e a branco, o filme seria impossível. A cores, «é bonito de ver» — para me servir da frase dum beldade, que resumiu, deste modo, à saída do Tivoli, a sua impressão sobre o espectáculo, a que assistira.

Todos os lugares comuns dos filmes desenrolados nas Ilhas do Mar do Sul se repetem nesta «Canção do Hawaii», com curiosa interferência dum história de vaqueiros. Assistimos a vários «luau», enchemos os olhos de «hulas» que

tresandam a cabaré de Broadway, e tudo se passa entre «alohas» e palmeiras, com o indispensável condimento de regatos cantantes e lânguidos acordes de guitarra.

Jack Oakie faz rir o público com frequência. É um excelente actor, a quem nem sempre se prestou justiça. E Billy Gilbert, na curta rábula, do neto do canibal, que sente despartar nele, de vez em quando, as taras ancestrais, dá-nos um dos melhores momentos do filme.

«Não seja má» vale sobretudo pela música — e pelo conjunto de atracções de «music-hall» que apresenta. «Lady be good» a consagrada canção de George Gershwin, o autor da prodigiosa «Rapsódia Azul», aparece para demonstrar como se compõe, como se lança e como se populariza uma canção. E ilustra ainda como um êxito, deste género, pode fazer a fortuna dos seus autores — na América, já se vê. E dizemos, na América, porque conhecemos o malogrado Raúl Portela, autor das canções que Lisboa cantou, durante um quarto de século, e que morreu pouco menos do que o pobre.

Sob este aspecto, o filme tem quasi um valor documental, porque nos dá, através dum breve sequência, de forma sintética e evidente, as diversas etapas, que traduzem esse êxito. E o ascendente que a canção toma, sobre as ouros quasi nos faz esquecer a admirável «The Last Time Isaw Paris», a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood premiou, como o melhor canção do ano.

Mas «Não seja má» tem acima de todos os méritos, o de nos revelar algumas prodigiosas atracções: os «Irmãos Berry» três dançarinos negros que excedem os limites do possível, em matéria de acrobacia coreográfica; Virginia O'Brien, a «sonsa» de face impassível, versão

feminina e canora de Pamplinas; e Connie Russel, que canta, na abertura da «feérie», de forma assombrosa, o «Fascinating Rythm», de Gershwinn.

Musicalmente é coreograficamente — o filme brilha a grande altura. Mas, a história tem interesse prejudicado, por virtude do ritmo com que se desenrola. E é pena.

«Alem no Rancho Grande», não se critica — vê-se. Ou melhor, ouve-se.

«Sangue Toureiro» interessou o público — pela toirada. O filme que Odéon e o Palácio agora estrearam, — conquistá-lo-á pela música. A técnica, com efeito, é dum primitivismo confrangedor. A história tresanda a romance por fascículos. A interpretação é quasi sempre lamentável. O aproveitamento dos próprios elementos etnográficos deixa muito a desejar. Mas Lisboa inteira vai cantar a melodia célebre, que deu o nome ao filme. Vai gostar da «canção ao desafio» — a única sequência realizada, com bom sentido cinematográfico. E o êxito que o filme alcançou no mundo inteiro — poderá repetir-se entre nós.

Um êxito à maneira da «Carmen de Triana», claro está...

A crítica americana costuma classificar os filmes por ordem crescente do seu valor, até um máximo de quatro estrelas. «Não seja má» obteve a consagração do mais alto posto. A «Canção do Hawaii» aparece-nos com duas estrelas e meia. «Alem no Rancho Grande» não figura na lista (que não engloba as películas estrangeiras), mas obteria com benevolência, uma estrela...

Imos apostar que a carreira destes filmes será inversamente proporcional ao número de estrelas recebidas. O público e a crítica nem sempre estão de acordo.



A BORDAMOS hoje um assunto há tanto tempo em causa no nosso espírito — o da orquestração das Canções Portuguesas — que está revestindo uma feição especial que não é a que deve ser.

Já nos bastava ouvir orquestras estrangeiras que deturpam no «Jazz» melodias consagradas, como por exemplo o «Réve d'Amour» de Liszt e algumas inspiradas páginas de Chopin e outros; também agora chegou a vez às nossas canções, com exótica orquestração de «Jazz», com instrumentos que não se coadunam com o nosso modo de ser, que as deturpam deixando-as sem a feição de suavidade e sentimento — que foi, é, e há-de ser a sua este nosso sempre querido Portugal.

O «Jazz» entrou nos «bars» dançantes com o fim de fazer barulho e de servir para o que foi criado — a dança — com instrumentos — dos quais se podem tirar efeitos de arremêdo, ou força, mas que não são efeitos artísticos, e que bastam para contentar os dançarinos e as creadas de servir — que o que pretendem é o compasso barulhento para os sambas e outras danças de nome tão esquisito, como os instrumentos de batucada onde são oriundos.

Tudo isso pode agradar a al-

Defenda-se a música portuguesa!

de todas as considerações, deve segurar bem no seu coração, o seu feito sentimental — que sempre teve e terá — é contribuir para se apagar de todo, a poesia da nossa música popular que afinal, boa ou má — é nossa.

Não conhecemos — o que lamentamos — o autor dessa composição de letra e música inspiradíssima; se fôssemos o autor, ou antes, se a nossa tendência musical pudessem ter atingido aquela inspiração, não consentiríamos que ela sofresse as inclemências de um «Jazz», numa composição exótica, caprichosa, sem princípio nem fim.

Bem sabemos e há muito conhecemos o arranjo que dessa canção fez o maestro Filipe Duarte, que dela se aproveitou, mas fé-lo

dentro dos moldes da música portuguesa, instrumentação modesta, mas cheia de regionalismo, reservando à melodia todo o seu encanto, enquadrando-a no que ela deve ser, simples, melódica, suave.

Conhecemos rapsódias de música portuguesa, onde está estilizada a melodia, com instrumentos normais, como são as de Manuel Figueiredo, Mcraiz e outros, e entre as quais me lembro, por acaso, de uma sobre o motivo da canção «Que noite serena» — outra canção que nos fala à alma — e agrade-nos ouvi-las assim orquestradas, avaramente conservada tal qual é, a melodia, no seu encanto e simplicidade.

Não podemos, entretanto, com a maneira como se está procedendo, desequilibrando-as no «jazz» — que tudo corrompe e vulgariza!

Ninguém mais do que nós admi-

ra e estima os compositores e orquestradores portugueses, onde há verdadeiros nomes e entre os quais temos verdadeiros amigos. Muitos distintos músicos temos da nossa opinião. Porque os admiramos, porque conhecemos a sua cultura musical, pelo muito que sabemos, que podem conseguir, nos revoltamos a infiltração americana, que está causando a desnacionalização da música portuguesa.

Deixemos que os estranhos ao nosso país adulterem as melodias consagradas, em que compositores de nomeada puseram todo o seu coração, mas não façamos nós o mesmo às nossas canções, tirando-lhes a expressão e o carácter e tornando-as banais; e não façamos cânc, com a lata de areia e batucade africano, que outra coisa não é esse «jazz» acompanhado do movimento fáceis, como se preciso fosse, à música, meneios de corpo a acompanhar o ritmo para se compreender melhor...

Há quem possa superintender neste assunto, que é de capital importância para a música portuguesa, e temos — bem o sabemos — entidades que podem intervir com vantagem para a conservação do que é um pouco do nosso património artístico nacional, encarretando o gosto do público para o que lhe está já no coração.

Já nos bastava a tendência daquêles que são portugueses e que às vezes cantam canções portuguesas, de as fazer brasileiras com sotaques que não são da nossa língua, pronúncia ridícula e compasso arrastado, querendo imitar os naturais, únicos que as cantam bem. Porque desenganem-se: canções brasileiras, para brasileiros, canções francesas, para franceses e assim sucessivamente. Canções portuguesas para os portugueses e mesmo assim não são para todos — porque tantas vezes as cantam bem mal!

Mas este assunto é para mais tarde.

ANTONIO VIANNA



O Grupo Folclórico «Os Pauliteiros» que há pouco esteve em Lisboa

guns, se querem só dançar, mas a maioria não agrada, quando lhes dão canções portuguesas — que merecem ser conservadas e respeitadas na sua maneira suave de expressão musical. Uma «Margarida vai à fonte», essa linda melodia, das mais inspiradas canções que possuímos em que se evidencia uma feição nacional e regionalista, orquestrada da maneira como a ouvimos, em que a sua individualidade desaparece — americanizando-a e desnacionalizando-a, é um atentado contra o nosso próprio sentimento e maneira de ser.

E dar ainda essa linda melodia a um auditório popular que, acima



Lá fora



Uma das últimas fotografias do Marechal Pétain, acompanhado de Laval, tirada em Vichy, durante uma longa e importante entrevista em que o chefe do Governo francês expôs, ao velho cabo de guerra, qual a situação criada pela ida para a Alemanha de operários para serem trocados por prisioneiros.



O tenente-coronel A. R. Bavid, em nome do exército e da marinha norte-americana, oferece a um operário uma «bandeira dupla», de reconhecimento pelo esforço dispendido por 12.000 operários na construção de material de guerra.



A grande vedeta Sonja Sonie, norueguesa de nascimento e que em Setembro último se naturalizou americana, ao chegar a Nova-York — mesmo na estação de caminho de ferro — comprou 25.000 dólares de títulos do empréstimo de guerra.

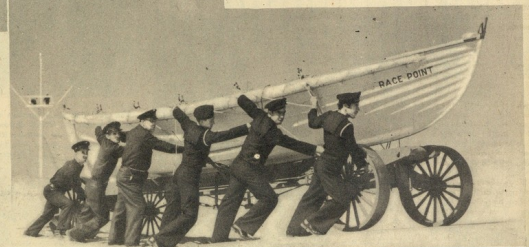


A «Festa da Colheita», em Berlim, assistiram, em lugar de honra, três militares recentemente condecorados: os sargentos Krichner, com a Cruz de Cavaleiro; Fritz Leppler e Ernest Ritter, com a Cruz de Mérito de Guerra.

Os portugueses da América



NEW Bedford é a mais portuguesa de todas as cidades norte-americanas. Debruçada sobre um recorte de costa que parece querer projectar-se através do lençol vasto do mar e estender as suas mãos aos portugueses, essa cidade tem uma história simples e singela. Tem uma história que se prende com uma das mais brilhantes datas do ciclo da nossa epopeia marítima — da epopeia que se iniciou em Ceuta e se prolongou até ao 1415. Setenta por cento da gente portuguesa naquelas paragens é oriunda dos Açores. Foi dessas encantadas ilhas que foram os primeiros colonos. Seguiram-se-lhes os madeirenses, caboverdeanos e canarienses. New Bedford foi o berço de onde irradiaram os núcleos portugueses hoje disseminados por todos os Estados do União norte-americana. Os capitães das barcas baleeiras completaram as suas tripulações nas arquipélagos lusitanas do Atlântico. Os nossos marítimos



maiores agrupamentos de compatriotas estão fixados no Estado de Massachusetts, a que New Bedford pertence. As estatísticas dão-nos 250 mil portugueses em New Bedford e na vizinhança. Ali têm os portugueses as suas escolas, as suas igrejas, as suas organizações beneficentes e recreativas. Os portugueses empregam-se em tudo — há médicos, advogados, juizes, senadores estaduais. Em New Bedford não se precisa falar inglês para se comprar soja ou que fôr. Por toda a parte se encontram gentes da nossa raça. Temos lojas e estabelecimentos. São os filhos dessas portuguesas que fazem parte da guarda de uma secção da Guarda Fiscal Marítima que tem a sua sede em



formo o seu melhor material na árdua caça aos cetáceos nas frias águas do Atlântico. Pouco a pouco, foram lançando e criando raízes naquela terra ubérrima da costa norte-americana. As mulheres e os filhos foram-se juntando aos pais, aos maridos, aos irmãos. Os núcleos portugueses cresceram e desenvolveram-se rapidamente, a ponto de se serem hoje que os

A actriz de cinema mexicana Maria Montez rodeada por oficiais norte-americanos de origem espanhola e portuguesa



Aspecto do porto de New Bedford — onde vivem 250.000 portugueses — cuja guarda está entregue a muitos marítimos açorianos

Cape Cod, e por missão a vigilância da escarpada ou arenosa costa de grande parte do Estado de Massachusetts, colaborando com as autoridades norte-americanas em estreito espírito de disciplina para que sejam respeitadas certas regulamentações da pesca. Nestas fozes, que acabamos de receber da América, vê-se a tripulação de uma das baleeiras daquela Guarda Fiscal, a qual é

constituída apenas por homens a quem corre nas veias sangue português. Aos seus alicerces não são alheios os apelidos Silva, Sousa, Freitas, Santos — como a evocarem a terra distante do continente ou as ilhas ilhéras ou nuas do Atlântico, onde tremula a bandeira portuguesa!

AUGUSTO FRAGA



HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

capítulo XV - A evolução americana

4

A TAREFA DO PRESIDENTE ROOSEVELT

N

A primeira conferência de imprensa que o sr. Roosevelt concedeu depois da sua reeleição, referiu-se largamente ao auxílio a prestar à Grã-Bretanha. O presidente anunciou que ia ser promulgada uma lei pela qual metade do material de guerra produzido nos Estados Unidos ficaria reservado

para as forças armadas norte-americanas, devendo a outra metade ser enviada para a Grã-Bretanha e para o Canadá. O sr. Roosevelt repetiu posteriormente esta declaração, esclarecendo, porém, que queria referir-se apenas ao material de guerra fabricado em série. Nesta designação apareciam incluídos os aviões de bombardeamento de que os ingleses mais urgentemente careciam mas que os Estados Unidos não possuíam, então, em grande quantidade.

Logo a seguir foi publicamente revelado que estavam em curso e prestes a concluir-se as negociações para a cedência à Grã-Bretanha de encomendas que totalizavam 12 mil aviões, incluindo os que já estavam fabricados e os que ainda se encontravam em construção.

A capacidade de produção da indústria norte-americana podia considerar-se, sem sombra de exagero, verdadeiramente gigantesca. Mas a sua adaptação às necessidades da guerra tinha de ser necessariamente lenta e fazia-se no meio de dificuldades que eram por todos reconhecidas. Havia fábricas que não estavam devidamente apetrechadas para encarar essa transformação e outras que se encontravam excessivamente optimistas quanto às suas próprias possibilidades. Mas os obstáculos mais sérios que se opunham a que a indústria de guerra norte-americana laborasse a pleno rendimento eram as que provinham da luta, sempre latente e por vezes ostensiva, entre as grandes empresas proprietárias e exploradoras e os organismos sindicais. O capital e o trabalho absorvidos pelas suas necessidades peculiares não tinham à sua frente personalidades de bastante relevo para se pronunciarem com fundamento e verdade sobre os problemas de política externa que eram, em última análise, os que dominavam todas as outras considerações de ordem particular ou privada.

A DESCONFIANÇA DOS AMERICANOS

Além disso os norte-americanos continuavam a manifestar em relação à Europa, de uma forma geral, e de maneira particular em relação à Grã-Bretanha, uma desconfiança que se fazia sentir em todos os actos dos seus dirigentes. Eram frequentes, na imprensa, na rádio, em discursos públicos ou em reuniões particulares, as referências desagradáveis à política de apaziguamento seguida, durante algum tempo, pelo gabinete de Londres e que concluíra por um malogro total. A opinião pú-

blica nos Estados Unidos, dispoñdo de poderosos meios de expansão, manifestava-se frequentemente, afirmando a sua incompreensão por que fosse a figura mais representativa dessa política, o sr. Neville Chamberlain, que continuasse a dirigir na guerra os destinos do Império Britânico. A constituição do gabinete de união nacional presidido pelo sr. Churchill contribuiu para dissipar esta impressão. Mas como ela quasi coincidiu com a derrota da França, que produziu nos Estados Unidos uma impressão profunda, só mais tarde foi possível começar a estabelecer uma corrente de confiança entre Londres e Washington. E como a corrente dos interesses particulares era bastante forte e a preocupação dos lucros avultados em certos meios se revelava tão forte como a tendência para manter, a todo o custo, o país fora da guerra a fim de que elle pudesse recolher os benefícios materiais de uma neutralidade distante, de tudo isto resultava uma incompreensão e uma ignorância voluntária dos perigos que se acumulavam e que, segundo proclamavam os partidários da intervenção, mais cedo ou mais tarde atravessariam o Atlântico e o Pacífico para caírem sobre o continente americano. A convicção, dominante em muitos meios, de que seria possível conseguir manter uma neutralidade lucrativa, atrasava a execução dos planos relativos à indústria de guerra. Os isolacionistas exploravam, naturalmente, esta tendência que contagiava uma parte importante da opinião pública e alcançava certas «élites» ligadas, de maneira directa ou indirecta, aos grandes potentados industriais do país.

OS CONFLITOS DE TRABALHO

O conflito, existente há muito, entre as duas mais poderosas organizações de trabalhadores norte-americanos complicava singularmente a situação. Havia por um lado a Confederação dos trabalhadores industriais e por outro a Federação americana do trabalho. A primeira era dirigida, sem quaisquer limitações, por um chefe político dinâmico e ousado, John Lewis, grande animador do movimento sindical, que lançara publicamente um repto ao chefe da nação. À frente da segunda encontrava-se um elemento mais ponderado mas, por isso mesmo, menos grato à tendência geral dos espíritos no Estados Unidos, William Green. John Lewis ergueu o pendão da revolta contra a orientação intervencionista do presidente e da Administração, sendo calorosamente secundado pela maior parte dos organismos sindicais filiados na Confederação que dirigia. As greves começaram a estalar, sendo quasi todas elas desencadeadas nas fábricas, que com maior êxito, tinham operado a sua adaptação às necessidades da guerra. Como este movimento se verificava ao mesmo tempo que uma parte da imprensa interessada na manutenção da neutralidade americana se empenhava numa violenta campanha contra a personalidade do presidente e dos seus colaboradores, não foi difícil estabelecer entre essas duas circunstâncias uma relação de causa e efeito. Uma parte do publico acabou por se impressionar com esta constatação e a Confederação a que presidia o sr. Lewis foi acusada de manter estreitas ligações com as organizações comu-

nistas dos Estados Unidos. Esta fase de evolução da opinião pública norte-americana coincidia com o entendimento germano-russo e este facto appareceu frequentemente invocado como uma razão para ter de sobreaviso os norte-americanos quanto aos verdadeiros fundamentos da agitação que o sr. John Lewis mantinha a pretexto de conseguir a satisfação de reivindicações de carácter social e económico. Essa agitação acabou por provocar reacções inevitáveis que acabaram por exceder o limite dos meios industriais para se fazerem sentir nos meios políticos do país e especialmente no Congresso.

A SEMANA DE QUARENTA HORAS

A reeleição do sr. Roosevelt verificava-se quando o ano de 1940 estava a terminar. A Grã-Bretanha resistira, quasi milagrosamente, aos ataques aéreos desencadeados em massa pela «Luftwaffe». Poderia, porém, essa resistência continuar por muito tempo? O optimismo e a coragem de que a população britânica dera provas durante esse período dramático da história do seu país, constituíam, sem dúvida, um incentivo forte para fazer acreditar na possibilidade de prolongar uma resistência que já inscrevera tantas páginas heróicas nos seus registos. Além disso o novo Primeiro Ministro britânico, embora não ocultando as dificuldades que a Grã-Bretanha corria no presente e os motivos fundamentados de inquietação que o futuro certamente lhe reservaria, mostrava-se sempre confiante na vitória. O moral da população britânica, longe de ter sido tocado pela adversidade, apparecia elevado por ella. Mas uma coisa era a confiança nos seus próprios meios de resistência, outra coisa era a viabilidade dessa resistência contra adversários tão poderosos e bem preparados.

O embaixador americano em Londres, Kennedy, era dos elementos categorizados que não acreditavam na viabilidade de resistência britânica. A sua opinião era certamente das que influam no espirito de muitas personalidades altamente cotadas nos Estados Unidos. Quando ella começou a ser conhecida, a situação era verdadeiramente critica. A semana das quarenta horas, com uma suspensão prolongada do trabalho que se traduzia por dois dias de paralização completa da actividade industrial, continuava a ser rigorosamente observada. Esta manifestação ostensiva de alheamento pelo que se passava do outro lado do Atlântico e, especialmente, pelo que se passava na Grã-Bretanha não podia ser combatida por simples discursos officiaes cu por meros incitamentos platónicos ao trabalho. Impunha-se, da parte da Administração, medidas energicas e immediatas. A reeleição de Roosevelt foi o acto annunciador dessas medidas que não tardaram a produzir os seus efeitos, dentro e fora do país.

A FIGURA DE LORD LOTHIAN

Poucos dias depois dessa reeleição, o embaixador da Grã-Bretanha em Washington produziu um discurso sensacional. Lord Lothian tinha sido um dos mais calorosos partidários da politica de apaziguamento. Era um veterano da politica e do parlamento no seu país. Libe-

ral de etiqueta, acompanhara sempre Lloyd George, de cujos actos fóra não apenas o defensor altamente colocado mas, em muitos casos, o inspirador. Colaborara com êle durante a última conflagração. Mas, uma vez feita a paz, tornara-se, com outro colaborador illustre de Lloyd George, Lord d'Abernon, um defensor entusiástico da causa alemã. Lord Lothian como Lord d'Abernon pensavam que não devia ser deixado a França um papel bastante eminente no concerto internacional. A sua galofobia era conhecida e, em parte, acompanhada pelo seu chefe. Mas Lord Lothian era um patriota ardente e um homem de superior inteligência. O malôgro da política de apaziguamento veio revelar o fundo do seu temperamento combativo e a índole do seu carácter. Fêz-se então o advogado caloroso da intervenção britânica e procurou que esta se realizasse sobre a base de um entendimento completo com os Estados Unidos. Nomeado embaixador neste país, não descansou um instante no desempenho da sua tarefa. Pronunciou, incansavelmente, alguns dos mais valiosos discursos da sua carreira, os quais foram depois reunidos em volume, constituindo um testemunho de incalculável valor para se avaliar a evolução da opinião americana desde o início das hostilidades na Europa até à intervenção armada provocada pelo ataque japonês a Pearl Harbour.

Lord Lothian não foi apenas um obreiro infatigável da amizade anglo-americana; foi, até à hora da sua morte prematura, um servidor do seu país que trabalhou com inteligência e com êxito. A confiança de que gozava tanto em Londres como em Washington contribuía poderosamente para que pudesse desenvolver uma acção que, norteadá pelo pensamento superior de contribuir para a vitória da sua pátria era, no entanto, cheia de tacto e de habilidade.

A QUESTÃO FINANCEIRA

As afirmações feitas por Lord Lothian no seu discurso de 24 de Novembro produziram certa sensação e vieram lançar uma luz nova sobre o fundo das relações anglo-americanas. O embaixador inglês tratou com a maior franqueza o problema do pagamento do material de guerra fornecido pelos Estados Unidos ao seu país para concluir que as modalidades desse pagamento não poderiam manter-se por muito tempo, dadas as dificuldades de ordem financeira com que a Grã-Bretanha começava a lutar. «A Grã-Bretanha, afirmava êle, ganhará a guerra. Mas a campanha do próximo ano será muito dura e difícil. Até agora temos podido pagar todas as aquisições de material feitas neste país com o nosso ouro e com a venda dos nossos títulos no mercado americano. Mas êsses recursos não são ilimitados e dentro em pouco começaremos a sentir dificuldades que é preciso encarar desde já. Precisamos descobrir novos processos de paga-

mento para que a nossa resistência não venha a quebrar-se por dificuldades dessa espécie».

Era, evidentemente, de um apêlo que se tratava. Formulado, embora, com as necessárias reservas diplomáticas, êle revelava bem a extensão dos obstáculos com que o governo de Londres lutava para levar a cabo a sua missão. O discurso revestia-se de uma importância maior por se saber que a opinião pública norte-americana nunca aceitara como boas as razões invocadas para não pagar as dívidas de guerra. A Grã-Bretanha, como a quasi totalidade dos países aliados do Estados Unidos, recusaram-se a admitir a independência das dívidas de guerra e das reparações e criou-se assim um estado psicológico de desconfiança que se reflectia nos actos diplomáticos praticados por Washington.

E eis que poucos anos decorridos era o mesmo problema que surgia de novo mas desta vez posto por um povo amigo e até irmão que suportava heróicamente os horrores dos bombardeamentos aéreos e, apesar de tudo, afirmava com uma coragem evidente o seu desejo de resistir, de lutar e de vencer. Nenhuma campanha interessada chegava para fazer esquecer esta circunstância fundamental.

OS PAGAMENTOS DA GRÃ-BRETANHA

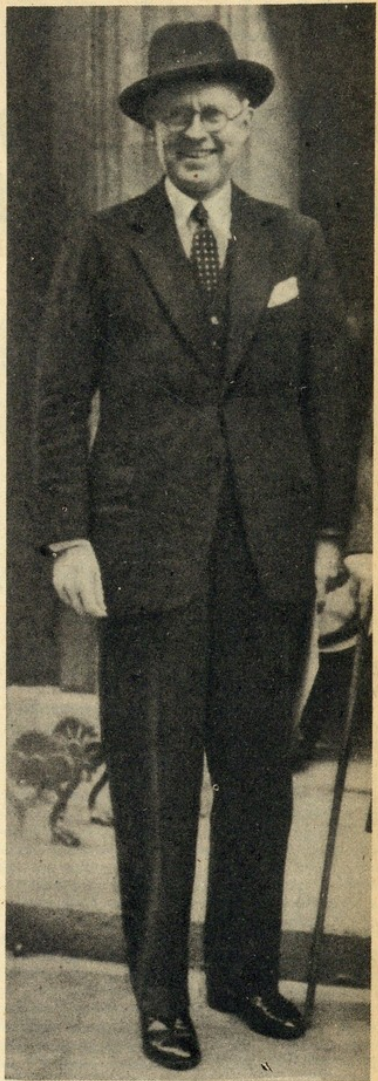
Até ali a Grã-Bretanha pagara tudo aquilo que recebia dos Estados Unidos em material de guerra. Mas além d'êste, os americanos davam à Comunidade Britânica uma solidariedade moral, uma compreensão política e um apoio diplomático que eram elementos de primeira ordem no jôgo conduzido pelo governo de Londres. E enviava uma contribuição avultada para minorar muitas das desgraças provocadas por uma guerra que, à medida que o tempo decorria, se revelava cada vez mais implacável.

O presidente Roosevelt, com a certeza de dirigir durante um novo período de quatro anos os destinos do seu país, tinha de enfrentar imediatamente os seguintes problemas cuja solução não podia sofrer delongas: adaptação da máquina industrial norte-americana às exigências da guerra; liquidação dos conflitos entre o capital e o trabalho; preparação de um novo regime de trabalho que permitisse intensificar a produção na medida dos compromissos crescentes que iam ser assumidos no plano político; adopção dos métodos mais práticos e expeditos para fazer chegar êsse material à Grã-Bretanha através da rota perigosa do Atlântico; estabelecimento de um novo sistema de pagamentos ou de compensações que evitasse o malôgro da resistência britânica por motivos de ordem financeira; preparação diplomática que impedisse as potências do «eixo» de se apresentarem, perante a opinião pública norte-americana, como vítimas da política tantas vezes apodada de agressiva que o presidente do Estados Unidos adoptara; preparação militar em todos os domínios, terrestre, naval e aéreo, para poder encarar, confiadamente, todas as eventualidades, entre as quais era necessário considerar a possibilidade da entrada na guerra.

Roosevelt não tinha na sua frente uma tarefa fácil e não era muito o tempo que os acontecimentos lhe concediam para a resolver. Os seus adversários eram conhecidos e poderosos: uma parte do Congresso e especialmente do Senado; uma parte da imprensa; a corrente isolacionista com os seus «leaders» e as suas organizações; todos os elementos mais ou menos poderosos que, com razão ou sem ella, advogavam a manutenção da neutralidade.

A ENTREVISTA DO EMBAIXADOR KENNEDY

Foi nesta atmosfera carregada de dúvidas que o «Boston Globe» publicou a sensacional entrevista, a que já aludimos, com o embaixador Kennedy. O representante oficial dos Estados Unidos em Londres exprimira-se perante um redactor daquele importante jornal, que estava acompanhado por outras pessoas, com inteira liberdade. Dissera todo o seu pensamento sobre a marcha da guerra e sobre as perspectivas que ella offerecia. Esse pensamento não era, de maneira nenhuma, favorável à causa britânica. O sr. Kennedy manifestara a sua desconfiança quanto às possibilidades de uma vitória militar britânica e mesmo de uma resistência vitoriosa da Grã-Bretanha que conduzisse a uma paz breve. Embora certas afir-



O embaixador Joseph Kennedy

mações não fôsem clara e rudemente postas, elas ressaltavam, com uma tal nitidez, de todos os seus comentários que foi enorme a impressão que ella provocou em todo o país. Tratava-se do depoimento de um observador que conhecia perfeitamente a vida inglesa e acompanhara a sua evolução e as suas reacções perante os horrores do conflito em que o seu país se envolvera.

Sob êste aspecto, a entrevista do sr. Kennedy constituía um depoimento autorizado e que devia ser devidamente ponderado. Mas o diplomata americano fizera considerações de ordem política que, manifestamente, excediam o quadro das suas funções. Para êle, a Grã-Bretanha fazia uma guerra em defesa de interesses especificamente nacionais e não para defender determinada concepção de vida ou determinadas fórmulas político-sociais. Eram, portanto, motivos de ordem material que dominavam a acção dos seus dirigentes e não razões de idealismo. Além disso, a Grã-Bretanha que gastara, só num ano de guerra, metade da sua fortuna, não tardia a ficar exausta. O corolário destas considerações surgia inevitavelmente com a afirmação de que se os Estados Unidos se deixassem envolver no conflito se arriscavam a perdê-lo e, de qualquer maneira, ficariam irremediavelmente arruinados. Pouco tempo depois, o sr. Kennedy, embora negasse a veracidade de uma parte das afirmações que lhe eram atribuídas, viu-se na necessidade de pedir a demissão do seu pósto, pedido, que o presidente Roosevelt deferiu.

(Continua)



O chefe sindicalista John Lewis

Lágrima da Saudade Recorda-se a figura

JA lá vão 20 anos que morreu o jornalista Afonso de Bragança—fê-los há dias— e parece que ainda o estamos a ver, à porta da «Brasileira», no Chiado—a «capital de Lisboa» no seu dizer—com aquele ar irónico, sorriso sempre entre os lábios, monóculo na órbita, hirtó, muito hirtó, mãos sempre nas algibeiras, e aspecto aparentemente desdenhoso.

Com ele, quasi desapareceu o jornalismo feito de espirito, de espuma, de «quasi-nada», o jornalismo do «suelto» humorístico.

Quando da sua morte, um nosso colega disse que «Afonso de Bragança era o espirito mais luminoso e heróico do jornalismo português dos nossos tempos».

Sabia de tudo dentro dum jornal. Foi revisor, repórter, crónista, panfletário e, até, jornalista político, num momento bem difícil da vida portuguesa...

Recordar o seu nome, vinte anos após ter falecido, é viver os seus escritos, é olhar para trás, para aquele tempo que não volta...

A febre que foi a sua vida, que transparece em todos os seus artigos, em tôdas as suas crónicas, febre da tuberculose que o vitimou, fêz da sua pena um estilete com que fazia «blague» até da própria desgraça em que viveu—se «aquilo» já se chamava viver—os últimos anos da sua existência.

Tinha amor pela sua profissão—pela profissão que abraçava. Um amor romântico, um amor como hoje já se não usa—e de que até se troça... Era um idealista. Passou a vida a sorrir, a «blaguear». Nada tomou a sério. Nem a própria doença respeitou...

O seu bom-humor permanente fêz-lhe olhar a vida com bons olhos. Se muito visse seria sempre, estamos certos disso, moço o seu espirito, moço a sua «verve»...

Aos conselhos que lhe davam, de arripiar caminho na existência que levava, de se dedicar mais seriamente ao trabalho, de se integrar um pouco mais na vida, respondia invariavelmente:

—Estou farto de ouvir conselhos. Calem-se. Que maçada! Ora eu não tenho casas luxuosas, não tenho belos fatos, não tenho banquetes opíparos, não tenho dinheiro, não tenho mulheres—tenho apenas a minha preguiça—deixem-me com ela só com mil diabos!

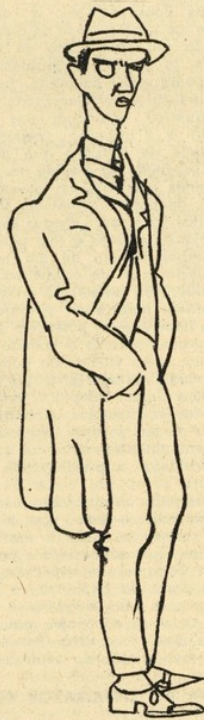
Afonso de Bragança na curta dezena de anos em que atravessou o jornalismo, deixou uma obra que devia estar coligida e publicada. Tal ainda se não fêz—e não se fará. As suas crónicas—que ficaram perdidas pelas colunas dos jornais «Pátria», «Diário da Tarde», «Situação», «A Cidade», do Porto e «Diário de Lisboa»—deviam reunir-se em volume para que esta geração—a nova—avaliasse e conhecesse como se escrevia há 20 anos, como escrevia Afonso de Bragança, em «cima do joelho», no tumultuar duma redacção. Edita-se tanta coisa má...

O jornalista merecia-o e o poeta que foi também.

Guardamos dêle o desenho que acompanha estas linhas. Foi feito à mesa da redacção, no próprio papel ordinário onde sempre escreveu os artigos... A gratidão à memória de Afonso de Bragança levou-nos a recordar o seu nome, e a reproduzir uma sua crónica rabiscada nervosamente em menos de meia hora, numa tarde, no jornal em que trabalhávamos, pois se necessitava de um artigo para encher... Escreveu o que o leitor vai ler, sentiu uma hesitação, sem uma emenda, sem quasi levantar a caneta do papel... Não é—talvez não seja—das mais felizes que saíram da sua pena, mas tem o merecimento de ser um pouco do seu sentir íntimo, desde que do Porto desceu até Lisboa para tentar o jornalismo...

Quando se fizer a história do jornalismo, de há trinta anos a esta parte, o nome de Afonso de Bragança ficará gravado—temos disso a certeza—ao lado dos nossos melhores escritores.

do jornalista Afonso de Bragança que morreu há 20 anos



Palavra d'hoera q
sou eu!

(Auto-caricatura)

Nesta estrada larga que é o jornalismo, fêz-nos bem conviver com ele. Ensinou-nos a sorrir sempre, ainda que nos momentos mais difíceis da vida... E, realmente, valerá a pena tomar a vida a sério?

A. de A.

EU sou provinciano. Quando cheguei a Lisboa gostei do Rossio, ainda os SS não tinham transitado do mosaico para o nome. Cheguei à noite. A praça palpitava sob as pinceladas lividas da electricidade. Gostei dela mas tive-lhe medo. Era, para mim, como uma cocote, impúdica, mas muito «chic, da alta...

* * *

Morei no Bairro Alto e tive verdadeiro amor, àquela Triana lusiada. Morava num 3.º andar—lindo!...—A rua vibrava tôda em amarelos, vermelhos, azúes—mais os verdes das varandas de pau, a cal das paredes e das roupas, a óca do «bruhaha» pintaçado de pregões.

No 1.º andar morava uma mulher. Amei-a como se ama a primeira vizinha bonita da nossa vida.

Ficou inquilina, até hoje, do meu coração. Já a tenho procurado. Mas nunca mais a vi. Se a vir não a conheço. Amei um escórço. Estava habituado a vê-la de cima para baixo...

* * *

Tinha ódio ao Chiado. Para ir para casa tomava o elevador da Glória. A glória!—o que eu vinha conquistar... Ingenuamente eu desconhecia que o elevador da Glória, em Lisboa, é o Chiado. Gostava muito do elevador, porque era indolente e afectivo. Gostava de tôda a gente que ia comigo no carro. Havia raparigas bonitas, de lindas côres. Ao fim de pouco tempo, vi que eram pintadas—e fugi.

Passéi para o Chiado onde as mulheres se pintam muito melhor. Hoje mesmo só sei que elas se pintam, porque não são páidas.

Pensei então, que o Deus da capital, era daltónico e dera muito pouca côr à vida.

* * *

Tive como tôda a gente a paixão pelo Chiado. É uma doença que estraga todos os sentidos. Viciéi tôda a minha visão. Fiz das mulheres um motivo decorativo.

Inventei a futilidade em filosofia—em moral e em estética. Achava que a vida era um «caso de rua». O homem um transeúnte. O paralelepípede pareceu-me a forma eleita da natureza.

Amei a cidade—e o Chiado é a capital de Lisboa.

* * *

Quis gostar das Avenidas-Novas, mas nunca pude ver nelas mais do que casas. Quando me lembro do meu rez-do-chão, vejo-o sempre pelo lado de fóra. As mulheres faziam parte das janelas. Pareciam vasos de mangericos. Havia um silêncio, um silêncio que não se ouvia, o silêncio de quem não tem nada que dizer.

Algumas pessoas namoravam, gargarejavam. Mas gargarejavam a seco. Casavam—por sinais.

* * *

A rua onde moro é plebeia, e o ruído é constante. Ouço tudo. Conheço as horas pelas vozes. Ao meio dia são agudas. Tem sol.

Ao entardecer são arrastadas, doridas... e ouço a voz das mãis a chamar pelos filhos.

Na minha rua eu sou um intruso. Sabem todos quem sou e cuscuvilham de mim. Não passo por ela—fujo. Tenho sempre a impressão de que vou ser vaiado. Para a minha rua sou um homem do Chiado.

Saio dela com um banho de humildade. No Chiado sinto-me um homem da minha rua.

AFONSO DE BRAGANÇA

7 dias de teatro

OS jornais franceses anunciam que Sacha Guitry — o grande homem de teatro — que casou recentemente pela quarta vez com Jacqueline Dalulac, foi chamado ao tribunal parisiense por sua segunda esposa, a actriz Yvonne Printemps, que reclama ao seu antigo marido a quantia de quatro milhões de francos, representativos dos ordenados correspondentes aos catorze anos em que representou, nos diversos teatros, a seu lado, sem receber qualquer remuneração. A essa reclamação o conhecido autor-actor objectou:

— O valor das joias que dei a Yvonne Printemps ultrapassa o do que ela poderia ter ganho em catorze anos.

A esta réplica Yvonne respondeu: — Todos os maridos dão joias às mulheres. Não é, que eu saiba, para retribuir-lhes serviços. Durante mais de 3.500 representações Sacha Guitry ficou com o meu cachef. O que lhe peço hoje é simplesmente uma restituição.

Sacha Guitry disse ao tribunal que lhe dará dez por cento, ou sejam 400.000 francos. Mas a sua esposa faz notar que isso reduz a cerca de 115 francos o seu salário quotidiano, o que é ridículo...

— «E» conclue o jornal donde extraímos estas notas — os homens de lei agitam-se em torno do epilogo do que foi um casamento de amor.

E, se entre nós, os casais de artistas, óra desavindos, fizessem o mesmo? Se elas tivessem hoje o que elles não deram durante o tempo de casados, conhecemos actrices que não necessitariam mais de trabalhar...

O teatro — e a vida de teatro — é igual em todos os países...



No Apolo, anunciam as tubas do réclamo, está a ensaiar-se a opereta «Noite de S. João»... para subir à cena dentro de dias, isto é, por alturas da noite de Natal.

Tudo, hoje, no teatro é assim... Tudo ao contrário, e fora do seu tempo e do seu lugar...

Verdade seja que o último acto da «Noite de S. João» passa-se na «noite de S. António»...



Diz-se nos «mentideros» — e bem «mentideros» — que o Ribeirinho vai desempenhar o protagonista da peça espanhola «Napoleonicos»...

Este diminutivo do «Grande Corso» está bem em relação com o físico do interprete...

Há horas felizes? Há, quando se faz uma peça com todas as «cautelas»...

DE ARMANDO FERREIRA

QUIEM passasse à noite, pelo Parque Mayer, à hora em que todas as pragas do inferno saem dos canudos assustados nos quatorze cantos do vicejante e florido parque, havia de encontrar, logo à entrada, à esquerda, onde é o Teatro Variedade, um cauteloso, sem ser fardado, e que anda à procura da sorte grande, há já anos. Vimo-lo a vender o seu jôgo para as bandas da Trindade, num Outono passado, depois a meio da Avenida, e agora assentou arraiais no Parque Mayer — acaso isto é descer? Oh! não; trata-se apenas de andar em busca de freguezia — e onde lança todas as noites o seu pregão, tentador:

— Há dias felizes! Vá meu freguês. É pra' grande... E se não for a taíuda ainda desta vez, talvez seja a aproximação! Habúite-se com um bilhete, e vá lá dentro ver andar a roda. Grande palpíte! Eu, para mim só não quero a terminação. Há dias felizes!... Há «dias felizes!» E nós habilitámo-nos.

A extracção começa às 21 horas, havendo dois intervalos para descanso dos pregoeiros. Antes de andar a roda, quisemos saber porque é que o cauteloso — Manuel Fragoso — estava tão esperando em que teria de pôr arcia encarnada à volta do seu estabelecimento... E fomos entrevistá-lo para lhe descobrir o jôgo e apalpar, por assim dizer, o palpíte...

«Há dias felizes! Sim senhor. Então com todas estas cautelas, não há-de estar aqui o prémio grande? Olhe que bonitos números que eu tenho! Veja que colecção tão variada!

Por exemplo: Aqui tem este. Que grande número! É o 49! 49 anos de fidelidade a um banco! O homem que não tem ambições, nem revoltas, tem à sua descrição milhares de contos, mas mora num 3.º andar modesto!

É um grande número, e então apregoado por Assis Pacheco, vai ter com certeza o prémio grande! É tão extraordinário este número que se deixa órmic a meio da casa por onde toda a gente passa e sonha, em trajes melhores, com uma volúpia

de portmoteos que ninguém acredita! Não é um número é um número. Não é um caixa modesto é lunático, é um romancista, é um comedião capaz de fazer um acto género Conde Barão, ou Novos Ricos, com calçadas em português e em francês! Ah! Este número é de palpíte! Fiquem-me com ele! Vamos...

Aqui está outro número que também vai ter com certeza prémio: é o 365! 365.ª vez que Maria Metos aparece de vestido ameninado branco, vistoso, a contrastar com a sua idade-média e floração corporal! Jogar neste número é ter a certeza que é premiado. Ninguém, como ela, sublinha a calçada nem põe tanta realidade no caricature burguesa! É um grande número! É a mãe tolerante que protege os amores da filha a ponto extraordinário, mettendo-lhe o namoro em casa, a toda a hora; aquilo não é mãe, é uma autêntica Santa Casa da Misericórdia!

Eis agora outro número, um lindo número para tentar os senhores que não vão à sorte, mas escolhem por simpatia os números! É o 26! Tão bonito número! 26... anos prometedores de Maria Helena! Vá meu senhor! Tente a sua sorte com este número! Não tem freguês certo! Toda a gente que o vê, quer levá-lo para casa! É o prémio grande pela certa! É o 26! É uma tentação! Pelo menos saí-lhe a dezena, ou a centena! É a menina burguesa, estudante, mas mestra no dar que dar de ombros e gestos de vampel! É um número que melhora de probabilidades dia a dia! É é tão bonito, meu freguês!...

Cá está o 11! Também lhe deve sair alguma coisa! É o marido palerma, da mulher ambiciosa e invejosa. Leva a palma — e o Palma — nas probabilidades da risota grossa.

E agora, quem me acaba o resto? Aqui tenho outros números de grande palpíte. O Setenta! A actriz de revistas e de comédia, com o qual qualquer freguês se tenta! E aqui é que está a taluda, Georgina Cordeiro, que tem grande carreira quer escultural quer declamativa!

Aqui temos mais alguns números com freguesia certa. O número antigo, infalível, que durante muito tempo esteve exposto na casa de câmbios do Rossio, do senhor Gil

(Continua na pág. 22)

Está sendo ressuscitado o teatro de há vinte e muitos anos...

Neste principio de época, tivemos de entrada «O Amigo de Peniche» e já se fala na reposição, no tablado do Nacional, do «Ninho das Águias», logo no dealbar da temporada oficial.

Lá teremos de voltar a aplaudir o Samuel — será ele? — de bengala erguida, a afastar o reposteiro brazonado, tal como no longínquo Janeiro de 1920, no velho palco do Gimmásio...

O «Roberto Amyares» de hoje, de 1942, quasi 23 anos depois, deveria — a nosso ver ter outro interprete. Talvez o «filho do Samuel»... se tivesse mais uns aninhos... como estamos certos de que será a Lucília quem irá desempenhar o papel da grande Lucinda... sua mãe.



O Teatro Nacional vai reabrir depois de beneficiado com obras importantes, de restauro e de embelezamento.

É caso para perguntar se o «velho elenco» da companhia Amélia — Robles também será beneficiado com elementos novos. Os que lá estão — alguns de incontestável valor — são já tão conhecidas e as suas vozes tão familiares no público, que todas as peças — ouvidas de costas — parecem a mesma... — que continua sempre, com intervalo de dias...



Alves da Cunha — o grande actor — continua à mercê da sorte.

Tão depressa trabalha como não trabalha, tão depressa organiza como se desorganiza a sua companhia.

Anda verdadeiramente em bolandas... o primeiro artista dramático português.

E há para aí, em teatro, tanta nulidade que tem sempre onde ganhar dinheiro!

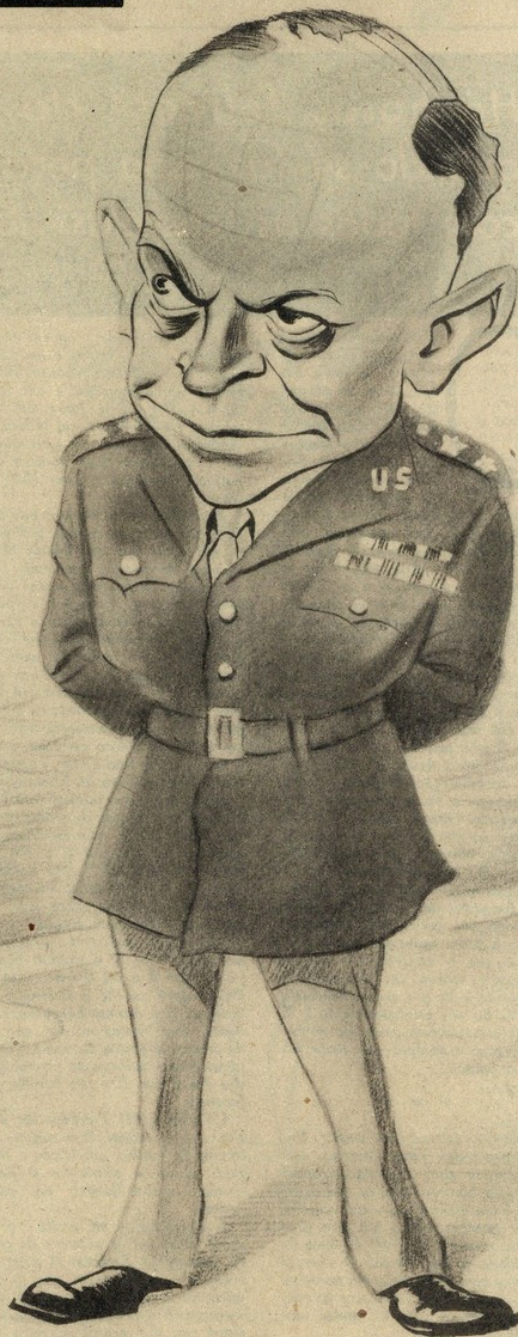


Do Avenida saiu uma das «belezas de hortaliça» que ali se exhibia. Para a substituir contratou-se a artista francesa Olga Valery.

Pregunta-se: esta Valery valerá a que voltou à casa paterna, que é como quem diz, à Casa de Gil Vicente?

O homem das 5 horas

Figuras da Vida
MUNDIAL



O GENERAL EINSHOWER, COMANDANTE EM CHEFE DAS FORÇAS ANGLO-AMERICANAS NA AFRICA DO NORTE
(Visto por SANTANA)

BOCAGE é, incontestavelmente, o poeta de mais fama através de Portugal inteiro, pois chega a ser citado, a cada passo, até por aqueles que nunca soletraram o *b-a-ba*, quanto mais um poema de inspiração divina.

Há quasi século e meio que o glorioso vate sadino deixou este mundo de mentiras, e a sua popularidade, avoluma-se e progride à semelhança de certas plantas daninhas que, aproveitando tôdas as escorrências, vicejam e criam novos rebentos no lódo esverdeado dos charcos.

Falando-se em Bocage, todo o analfabetoide se julgava no direito de dizer: «Ahl bem sei... O das piadas bréjeiras... Aquela do *há-de sair* é bem metida. E então a da *menina do toucado*?

E, por ali fora, irrompia um chorriho de indecências que Bocage teria levado a efeito ante o aplauso galhofeiro dos seus contemporâneos e as gargalhadas alvares duma rainha que lhe perguntava o sitio do corpo em que lhe sentia mais frio...

Assim foi durante anos e anos até hoje, sem que aparecesse alguém a pôr um dique a tôda essa enxurrada de histórias pouco limpas. Urgia meter na ordem os cada vez mais numerosos *almocreves das petas* de que o pobre e inofensivo José Daniel fôra o precursor, sem saber o que fazia.

Finalmente, *Bocage, êsse desconhecido...*, o recentissimo livro do escritor vibrante, forte, que é Gomes Monteiro veio pôr as toisais nos seus devidos lugares, com o amor pela verdade que êle tão brilhantemente revela em tôda a sua obra de história. Isso nos levou a procurá-lo, um dia dêstes, quando se encontrava no seu gabinete de trabalho, em plena actividade literária, não só para o felicitar, com o apreço de admiradores da sua obra sincera, mas para sondar também a razão do seu belo e oportuno gesto.

Gomes Monteiro, depois de mostrar, com documentos, como fôra engendrado, durante quasi século e meio, o pedestal de descrédito de Bocage, evocou a justa indignação de Olavo Bilac contra «a ignorância alvar e sacrilega do populacho» que teimava em denegrir «o mais limpo versificador que jámais praticou a nossa língua».

Em dada altura, Gomes Monteiro, recordou a rábula duma velha revista de ano, em que Bocage apparecia a protestar contra as piadas chulas, grosseiras e até indecentes que lhe atribuíam. O *compère*, ao ver aparecer o excelso Elmano, exclamava, como alguns dos bons le-

Como Gomes Monteiro viu a figura de BOCAGE

trados de hoje: «Ai vem o Bocage, aquêlo que dizia que

*Ou o frade é pai do burro,
Ou o burro é pai do frade...»*

E Bocage replicava com infinito desprêso:

*Não é o frade pai do burro,
Mas sim tôda a Humanidade!*

O público ria e aplaudia aquela nova tirada bocagiana, sem se aperceber de que estava legitimando os seus deveres e direitos de paternidade sobre todos os asnos do Universo.

Decorreram anos—talvez uns trinta—e, embora aumentasse a cultura futelectual, a nobre figura do glorioso vate continuou a ser salpicada pela lama mal cheirosa que a rancorosa firma arcádica de José Agostinho, Curvo Semedo, Caldas Barbosa & C.^a amassou e patinhou.

Os *Burros* tripudiavam, enaltecidos em poema, enquanto o vitriolo da calúnia continuava a roer, na treva, a consagração olimpica devida ao maior poeta de Portugal, depois de Camões.

E Gomes Monteiro vai desvendando a verdadeira figura do genial poeta das *Rimas*, ante o qual o laureado Filinto Elisio queimou o seu melhor incenso.

—Na verdade, tornava-se vergonhoso que os portugueses metessem a ridiculo um dos seus maiores escritores, mascarando-o grotescamente para gáudio do público das cêgadas carnavalescas, quando altos espiritos estrangeiros como Link e Beckford, em visita a Portugal, se

orgulharam de ter «conhecido o mais extraordinário poeta da Península», e se curvaram reverentes a render-lhe a mais entusiástica e sincera homenagem.

Bocage frequentava botequins? Frequentou porque não tinha casa. Bebia genebra? Bebia, mas ninguém o viu embriagado, segundo o testemunho dos seus amigos mais intimos. Escreveu alguns versos pornográficos? Escreveu como tantos outros grandes poetas que passaram à posteridade com fama de sérios, mas essas poesias são tão poucas, que enfeitariam escassamente um folheto de 16 páginas. Todas as outras que para aí correm com o seu nome foram engendradas como as cinqüenta e tantas cartas de Soror Mariana e respectivas respostas, atiradas a circular pela ganância dos editores franceses.

De resto, os versos de Bocage, mesmo os pornográficos, não se confundem com quaisquer versos. Têm sempre o seu cunho inalteravel.

Verifica-se, porém, que tôda essa gente que para aí se agita com pretensões de bipede, com ou sem curso superior, não aceitaria um painel do funileiro José Silva como obra de Sequeira, Malhoa ou Columbano; não confundiria o *Fado do Bacalhau* com a marcha militar de Schubert, mas atribui a Bocage versos de pé quebrado de qualquer menestrel analfabeto, grosseiro e porcalhão!

Bocage foi um vadio que levou a sua vida a saltitar de botequim para botequim e a largar chalaças, fôsse a quem fôsse? É falso. Bocage foi um martir do mais exaustivo trabalho, que levou a sua existência a produzir, dia e noite, para

sustentar a irmã que se acolhera à sua protecção.

Morrendo aos quarenta anos, deixou uma obra tão vasta e tão valiosa que nenhum outro poeta conseguiu juntar nem mesmo no dôbro do tempo.

Isso nos disse e provou Gomes Monteiro com a sua proverbial franqueza trasmontana. Portanto, o seu magnifico livro *Bocage, êsse desconhecido...* constitue, além do seu valor literário, um alto e patriótico serviço de reabilitação de um dos maiores poetas portugueses de todos os tempos.

E ainda bem, porque até que enfim se fez justiça ao caluniado Bocage, glória imorredoura das Letras Portuguesas!

Os DENTES só nascem duas vezes

Defendei-os desde
a infância com



PARGIL

(Produto medicinal)

PARGIL, duma fórmula complexa (que inclui uma cultura polimicrobiana da flora bucal, esterilizada por um processo que é uma inovação), é um enérgico microbicida que metódicamente extermina os germens patogénicos que pululam nas bocas, mesmo naquelas que se dizem limpas.

PARGIL não masoara falsamente o hábito nem se limita a evitar as doenças. **Ataca o mal na origem**, sendo esta a razão dos seus inigualáveis efeitos.

NAS FARMACIAS E DROGARIAS





fala
e o mundo acredita

Emissões em LÍNGUA PORTUGUESA

Horas	Ondas curtas
10.45.....	{ 24.92 m. (12.04 mc/s) 19.76 m. (15.18 mc/s)
12.15.....	{ 24.92 m. (12.04 mc/s) 19.76 m. (15.18 mc/s) 13.86 m. (21.64 mc/s)
21.00 (*).....	{ 31.75 m. (9.45 mc/s) 40.98 m. (7.32 mc/s) 41.75 m. (7.18 mc/s)

(*) Estas emissões ouvem-se também em ondas médias de 261.1 metros (1.149 kc/s) e ondas compridas de 1.500 metros (200 kc/s).



EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS

EM LÍNGUA PORTUGUESA
(Recorte esta Tabela para referência futura)

Horas	Estações	Dias	Ondas curtas
7.15	WDJ	Todos os dias	39.7 m (7.565 mc/s)
7.15	WRCA	3.ª feira a Domingo	31.02 m (9.67 mc/s)
7.15	WNBI	Só 2.ª feira	25.23 m (11.89 mc/s)
8.30	WRCA	3.ª feira a Sábado	31.02 m (9.67 mc/s)
8.30	WNBI	Só 2.ª feira	25.23 m (11.89 mc/s)
18.30	WDO	Todos os dias	20.7 m (14.47 mc/s)
19.30	WRCA	Todos os dias	19.8 m (15.15 mc/s)
19.45	WGEA	2.ª feira a Sábado	19.56 m (15.33 mc/s)
21.30	WGEA	Todos os dias	19.56 m (15.33 mc/s)
21.30	WDO	Todos os dias	20.7 m (14.47 mc/s)

OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA

Companhia Nacional de Navegação

PAQUETE

ANGOLA

Sairá em 30 do corrente, recebendo carga e passageiros para:

FUNCHAL, S. TOMÉ, SAZAIRE, LUANDA, LOBITO, MOSSAMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE e outros portos da Costa Ocidental e Oriental, sujeita a baldeação

IMPORTANTE — A carga será recebida até às 18 horas do dia 26 e depois desta data até às 20 horas do dia 29, com o aumento de 20%.

PARA ESCLARECIMENTOS E MAIS INFORMAÇÕES:

Sede em LISBOA — Rua do Comércio, 79 e 85 — Telef. 2 3021 (6 linhas)

Sucursal no PORTO — Rua Infante D. Henrique, 73, r/c. — Telef. 1434

DISCOFONES

PARA REPRODUÇÃO DE DISCOS EM APARELHOS DE RÁDIO

completos com motor eléctrico e pick-up desde 800\$00



Pick-ups simples a partir de 200\$00

EST. VALENTIM DE CARVALHO

Rua Nova do Almada, 97

ENVIAMOS GRÁTIS CATÁLOGO ILUSTRADO

Entre nós



Para comemorar a passagem do 73.º aniversário natalício do Chefe do Estado foi—por iniciativa da Federação das Sociedades de Educação e Recreio—colocada uma lápida no prédio onde nasceu o sr. general Carmona. As gravuras mostram-nos o acto do desceramento e a família do sr. Presidente da República assistindo ao desfile das associações de recreio, desportivas e representantes dos Grémios e Sindicatos Nacionais.

No último sábado, no gabinete do sr. Sub-secretário do Estado das Corporações, foram assinados contratos colectivos de trabalho entre os Grémios dos Industriais de Litografia e de Rotogravura e dos Industriais Gráficos e os Sindicatos dos Tipógrafos e Litógrafos de Lisboa, Pôrto e Coimbra. À noite, na sede do Grémio dos Industriais Gráficos—vê-se na gravura de cima—o industrial e artista fotografoador sr. Marques de Abreu, realizou uma conferência sobre «O ensino das artes no livro».



7 DIAS DE TEATRO

(Conclusão da pág.17)

Vicente, e agora foi adquirido para a nossa taboleta. É vital... (dos Santos) a sua sugestão no público. Aqui, representa a fantasia humana. o «minhocas», inventor da pólvora sem fumo em segunda mão, e que julga que só não tem fortuna... por falta de capital!

Cá está o 914! o depurativo do Teatro português, animador e restaurador das forças... Número de palpite; muita gente joga nele, e tem dado... dinheiro a muita gente! É raro, não figurar em todas as extracções!! E... rico... número!

Vamos; habilitem-se! Também temos alguns números... abertos, em... cautelas, novos e em que podeis fazer o vosso jôgo. Também podeis perder o vosso dinheiro, mas às vezes, por bambúrrio, podeis ganhar neles algum prêmio.

São números bônitos e aparatosos. Se vos calhar a sorte num deles, podeis gozar a vida—comer linguado à Colbert, e peruas recheadas, trutas e champãnes, enriquecer em fim.—Eu não do bom trata-

mento após sair a sorte grande, nada posso dizer... É outro palteizinho, para fazer um homem feliz, nem que seja só com a aproximação, é este número, duma criada galante e cinéfila, que é apregoado por Maria Shulze!

Há dias felizes! Com uma taboleta destas, com coisas tão bonitas que eu digo sobre a pobreza, e a honestidade, sim, porque, quod est, est, eu tenho esperança—e seria uma ingratidão se assim não succedesse—pôr desta vez areia encarnada no meu estabelecimento dramático...

... ..
—A roda está a andar! O cauteloso, continuava a vender o seu jôgo, e a apregoar os seus números de palpite. Manuel Fragoço, sorridente quando era dantes dramático, demonstra-nos que já tem a areia necessária para anunciar a sorte grande que lhe saiu...

E o público modesto, ingénuo e desconfiado, olhou, ouviu, sorriu... e quedou silencioso. Há dias felizes!

PORQUE USO o novo pó de Arroz Tokalon

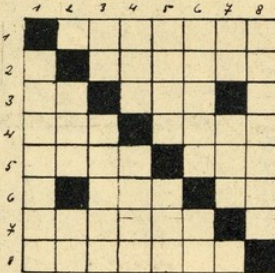


Pela PRINCESA ALLA TROUBETSKOY

- ★ é fabricado numa variedade tão bonita de cores modernas e que embelezam.
- ★ é o mais leve e o mais fino de todos que conheço.
- ★ Adoro o seu perfume delicioso de flores naturais.
- ★ Verifico que dura um dia inteiro. Mais nenhum pó de arroz tem este segredo da espuma de cremes.
- ★ Conserva a pele fresca e encantadora, a pesar do vento e da chuva.
- ★ Tenho a certeza de que não compraria outro melhor, por qualquer preço.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 49



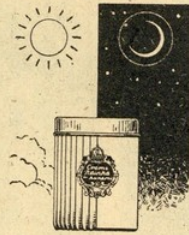
HORIZONTAIS: 1 — Bombo. 2 — Importunar. 3 — Pata; A custo. 4 — Raiva; Sinuosidade. 5 — Qualquer esfera; Nome de mulher. 6 — Constelação austral; Parecença. 7 — Giesta. 8 — Governô, côrte, no Canará.

VERTICAIS: 1 — Magnificente 2 — Eitô; Ora! 3 — Vácuo; Satisfaz. 4 — Derriço; Navegam. 5 — Quisquer; Patrôa. 6 — Torna mole; Pref. (design. de privação). 7 — Designação da voz das ovelhas; Partida. 8 — Agarrára.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 48

HORIZONTAIS: 1 — Fana; Anta. 2 — Um; Vagem; Al. 3 — Sumê; Marra. 4 — Tais; Rual. 5 — Armar; Zoara. 6 — Arc. 7 — Alvas; Adeus. 8 — Toar; Arre. 9 — Laura; Atoar. 10 — Ar; Ascua; Na. 11 — Sais; Soão.

VERTICAIS: 1 — Fusta; Atlas. 2 — Amuar; Loara. 3 — Mim; Vau. 4 — Avisa; Arrás. 5 — Ar; Rás; As. 6 — Em; Zea; Au. 7 — Amaro; Datas. 8 — Rua; Ero. 9 — Tarar; Ura-na. 10 — Alala; Serác.



M. ME CAMPOS

DIA E NOITE...

Os inegaláveis cremes de beleza

Rainha da Hungria

velarão pela Mocidade da sua pele!

Elogios... para quê?

Basta dizer que são produtos

M. ME CAMPOS



ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA
LISBOA—RIO DE JANEIRO



NOVO HORÁRIO NOTICIÁRIO EM LINGUA PORTUGUESA TODOS OS DIAS

Horas	Estações	m.	Kc/s
8.50 Noticiário	2 RO 4	m. 25.40	Kc/s 11.810
	2 RO 21	m. 19.92	Kc/s 15.060
12.20 Comunicado Q. G. L.	2 RO 8	m. 16.84	Kc/s 17.820
	2 RO 17	m. 15.31	Kc/s 19.590
14.10 Noticiário	2 RO 7	m. 16.88	Kc/s 17.770
	2 RO 21	m. 19.92	Kc/s 15.060
22.40 Noticiário	2 RO 11	m. 41.55	Kc/s 7.220
	2 RO 22	m. 25.10	Kc/s 11.950
22.40 Noticiário		Dadas médias	m. 221.1
			m. 263.2
0.00 Noticiário	2 RO 6	m. 19.61	Kc/s 15.300
	2 RO 18	m. 30.76	Kc/s 9.760
	2 RO 19	m. 29.04	Kc/s 10.330

CONVERSAÇÃO EM LINGUA PORTUGUESA

21.20 (Domingo)	m. 25.70	Kc/s 11..95
21.20 (Quarta-feira)	m. 30.52	Kc/s 9.830

"STADIUM,"

REVISTA DESPORTIVA

Reaparecerá no dia 1.º de Dezembro

HABILITEM-SE AO GRANDE CONCURSO GOAL DA VITÓRIA

COM PRÊMIOS TENTADORES

Ler condições do sensacional «Concurso» no primeiro número da «STADIUM»

Vida MUNDIAL

JOSÉ CÂNDIDO GODINHO — Director; JOAQUIM PEDROSA MARTINS — Editor e Proprietário — Redacção e Administração: R. Garrett, 80, 2.º — Lisboa — Tel. 25844 — Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), Ltd. — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa.



A batalha de Estalinegrado ficará na história desta guerra como uma das etapas mais difíceis do avanço alemão na frente da Rússia. Esta foto mostra-nos os soldados do Reich avançando cautelosamente, a coberto de pesados «tanks», numa rua da cidade, prontos para o ataque a uma fábrica.

A campanha da RUSSIA



Uma rua do bairro industrial da cidade, com os seus edifícios transformados em ruínas ainda fumegantes.



Depois de um formidável bombardeamento aéreo, dos edifícios desta rua não restam senão escombros e ruínas. A luta é rude. Todavia, estes soldados batem-se com optimismo. E que encontram numa cratera aberta pelas bombas da sua aviação um abrigo seguro de onde podem disparar as suas espingardas-metralhadoras contra o inimigo.



Um dos pontos dos subúrbios de Estalinegrado em que a luta se tornou mais implacável, mudando as posições de mãos várias vezes num combate de vida ou de morte em que os dois adversários se bateram com o maior encarniçamento.



O general americano Mac Arthur, o vencedor dos japoneses na batalha da Nova Guiné, numa das suas mais recentes fotografias, tirada em Melbourne, na Austrália. Acompanha-o o brigadeiro Patrick Hurley (à direita).

NAS PÁGINAS CENTRAIS DÊSTE NUMERO:
OS PORTUGUÊSES DA AMÉRICA
UMA REPORTAGEM DE AUGUSTO FRÁGA